"A monoatividade pode ser um desastre para a economia de uma região"

Luís Pinto
Partner da Vitis

"A pandemia desabou em cima do planeta de uma forma abrupta", mas "a reação rápida" a que obrigou é descrita por Luís Pinto como "relativamente bem conseguida, com uma adaptação dos modelos de gestão aos novos desafios, através do recurso às tecnologias de informação".
O teletrabalho, os webinars, a formação à distância, as reuniões virtuais, entre outras formas de operar e comunicar remotamente, vão manter-se, mas considera que "muito se perde com a falta da interação pessoal". Nesse sentido, acredita que "em termos da gestão, o futuro tenderá a ser híbrido, à espera da próxima pandemia".

O futuro tenderá também a ser cada vez mais incerto. "Num mundo globalizado e interdependente como é o nosso, ninguém está suficientemente preparado face a variáveis não controláveis, como se constata agora com o encerramento de empresas por falta de componentes que são fabricados no outro lado do mundo", refere Luis Pinto.

Há, contudo, forma de tentar antecipar os riscos, tomando medidas preventivas. A resposta, no seu entender, passa pela monitorização do ambiente dos negócios, a flexibilidade do processo produtivo e, principalmente das mentes.

Da sua parte, reconhece ter "confiança na capacidade dos empresários portugueses de serem flexíveis e, principalmente de 'não adormecerem' como aliás temos visto alguns bons exemplos na nossa região com a transformação de dificuldades em oportunidades".

No contexto de pandemia, a "urgência" impôs-se. Foi a forma encontrada para "ultrapassar uma situação de crise" que podia pôr em causa a sobrevivência das empresas. No entanto, o foco terá agora de ser a sustentabilidade, o que exige opções estratégicas. "Esta questão é para mim tão importante que adotei como lema da nossa empresa um pensamento do filósofo romano do século I Séneca que escreveu: 'Quando se navega sem destino, nenhum vento é favorável'".

Nessa preparação do futuro, que será necessariamente mais especializado, inteligente, com crescimento na cadeia de valor e diversificação das áreas de atuação, as indústrias tradicionais são "um bom ponto de partida", sobretudo pelo know how acumulado. "Se olharmos para o que somos hoje, tomando como exemplo o concelho da Marinha Grande, podemos constatar que o pinhal de Leiria induziu a instalação da indústria do vidro que, por sua vez, criou a oportunidade da indústria dos moldes para o vidro que evoluiu para moldes para

plástico e ferramentas especiais que conduziu à indústria de transformação de matérias plásticas e depois à engenharia, desenvolvimento de produto, equipamentos metálicos, comercialização e, depois, fabrico de acessórios e componentes, que caracterizam o tecido industrial da região". "Estagnar, acomodar, é não ter futuro", acrescenta.

No que, por agora, se consegue antecipar do futuro, para que a região se demarque no mapa global, terá de estar povoada por empresas "inconformadas, flexíveis, abertas a parcerias com os sistemas de ensino, científico e tecnológico, motivadas para subi-la na cadeia de valor, com visão estratégica e persistentes". Para o consultor, este último ponto é crítico, "uma vez que a generalidade das anteriores características só produzem, em regra, efeito a médio e longo prazo pelo que ações tomadas por impulso, rapidamente abandonadas logo que o negócio tradicional absorva a capacidade instalada, estão condenadas a ser um custo e não um investimento".

A inovação detém, neste quadro, um papel preponderante. "É fator crítico que deve estar presente de uma forma permanente", sublinha Luís Pinto. A região já usufrui de parcerias com os sistemas de ensino, científico e tecnológico que são "potenciadoras de sucesso", mas sendo as atividades de I&DT uma questão estratégica deixa o alerta: "não devem ser realizadas por impulso ou por razões de planeamento fiscal, mas sim baseadas numa visão estruturada de médio e longo prazo".

A par da inovação, as instituições de ensino são igualmente importantes para a aquisição de competências. Sem estas não há transição digital e, olhando para o mapa europeu, "em termos de competências básicas e avançadas estamos abaixo da média". À pergunta "com que regularidade devem os empresários regressar aos bancos da escola?", não hesita em responder: "diariamente".

"Diversificar" é outra das ações que, no seu entender, se impõem à região se o objetivo for manter a economia saudável. E especifica: "Deve ser diversificada com atividades das áreas da agricultura e sua transformação, lazer e turismo, serviços, ensino & investigação e, naturalmente a indústria, que sendo a vocação da nossa região possa alavancar as restantes atividades económicas".

Nesse sentido, "o sector das máquinas e equipamentos, dos plásticos e principalmente dos 'produtos transacionáveis' e seu desenvolvimento devem ser os potenciadores da atividade económica da região", mas lembra que "o mundo está cheio de exemplos de que uma monoatividade pode ser um desastre para a economia de uma região". Do seu ponto de vista "a solução está na diversificação alavancada por sectores charneira".

»»»

PUBLICIDADE